

2 de outubro
Dad Abi Chahine Squarisi

Da equipe do Correio

Por volta de 1870, os europeus só conjugavam o verbo querer. "Queremos mercados para vender nossos produtos", pediam os empresários com os depósitos abarrotados de mercadorias. "Queremos ferro, petróleo e óleo para alimentar as nossas máquinas, reclamavam os industriais. "Queremos melhores salários, férias e lugar decente para morar", exigiam os operários depois de 15 horas de jornada. "Queremos trabalho", reivindicavam os desempregados que superlotavam as cidades (à época, não havia anti-concepcional).

"O que fazer?", perguntavam-se as grandes potências, Inglaterra à frente. A solução é a África, concluiu o rei belga Leopoldo II. Em 1876, o soberano apossou-se do Congo.

"Nós também queremos", disseram Inglaterra, França, Portugal, Espanha, Holanda, Alemanha. Se ele pode, nós também podemos.

"Calma", intercedeu Bismarck, o chanceler alemão. Havia terra para todos. Mais de 90% do continente negro estava livre. Bastava fazer a partilha. Como?

Convocou à Conferência de Berlim (1884—1885). A Europa avocava o direito de impor as regras da divisão e da conquista de outro

continente.

Havia um senão. Como justificar novo surto colonialista? No século 16, quando "descobriram" a América, a desculpa foi Deus. Em nome da religião, dizimaram-se índios, escravizaram-se homens, exploraram-se nações. Finalidade: ampliar a riqueza do Estado. Acumular ouro e prata para manter as armadas e o exército.

E agora? Que fachada apresentar ao mundo? No século 19, Deus estava gasto. Era vez da cultura e do progresso científico. Em nome da civilização, à África.

Ali estava a saída: mercados capazes de absorver a superprodução industrial; territórios ricos em ferro, cobre, petróleo e manganês; terra para receber o excesso de população das metrópoles.

"E nós?", perguntaram os africanos. Ninguém ouviu. Os diplomatas só tinham olhos e ouvidos para a Ásia e a América. Desconheciam que no continente em disputa distribuíam-se cerca de mil etnias (algumas em conflitos seculares, como o dos hutus e tutsis); falavam-se mais de 800 línguas; praticavam-se religiões tribais ao lado do islamismo e cristianismo; havia populações que desconheciam a leitura e a escrita, e outras que freqüentavam as universidades muçulmanas do Egito, da Argélia, de Gao e Tombuctu (atual Malí).

Até o fim do século 18, os euro-

peus que andavam pelas costas africanas representavam interesses privados. Abasteciam de escravos os navios em troca de mercadorias. Tudo feito às pressas. Para fugir do calor e das febres. À época, estavam sob dominação estrangeira só alguns pontos de Angola e Moçambique (Portugal), Gâmbia (Inglaterra) e Senegal (França).

Na invasão colonialista, quatro armas derrotaram os negros. A primeira foi a informação. Missionários e exploradores europeus levantaram topografia, recursos, força e fraqueza da área. A segunda, os progressos da medicina. As descobertas médicas — emprego profilático do quinino contra a malária — acabaram com o temor das doenças. A terceira, o dinheiro. A Europa tinha milhões de libras para gastar na conquista. A quarta, a superioridade logística e militar da Europa. Exércitos profissionais e bem-treinados além de mercenários e mercenários locais.

Os europeus atacaram um Estado de cada vez sem que ele recebesse qualquer ajuda externa (era o chamado pacto de solidariedade). A maioria dos africanos agiu de forma diferente. Aliou-se aos invasores contra os próprios vizinhos — mesmo que mais tarde viessem a ser derrotados.

Resultado: em 1914, 90,4% da África estava sob domínio europeu.

CORREIO BRAZILENSE

23 NOV 1996

Só a Etiópia e a Nigéria mantinham a independência. Muitos Estados foram criações artificiais. Misturaram-se povos cuja cultura, tradições e língua diferiam como água e vinho. Mais: os novos Estados tinham superfícies, recursos naturais e possibilidades econômicas diferentes.

Na década de 30, não existiam mais territórios sem dono. As grandes potências entrariam em choque permanente entre si. Queriam expandir as áreas de dominação. O confronto deflagrou a Segunda Guerra Mundial.

Em 1950, começou o processo de descolonização. O mundo era outro. Depois de duas desastradas guerras mundiais, alterou-se o equilíbrio mundial do poder. Os Estados Unidos e a União Soviética, as duas grandes potências do século 20, declararam-se anticolonialistas. Na diplomacia, afirmava-se o conceito de autodeterminação dos povos (cada povo tem o direito de decidir sobre o próprio destino). Crescia a luta pelo respeito aos direitos humanos.

Os africanos se rebelaram. Exigiam a independência. Em alguns países o processo foi pacífico; em outros, sangrento. Hoje, o continente paga o preço da dominação. As guerras civis e os conflitos étnicos são resultado de dois componentes explosivos: fronteiras artificiais e pobreza extrema.